

Revolução, arte e cultura

ANATOLI LUNATCHÁRSKI

São Paulo: Expressão Popular, 2018. 263p.

*Lindberg S. Campos Filho**

Quase nada da vasta produção de um dos mais fundamentais dirigentes bolcheviques foi publicada no Brasil até o presente. Nesse sentido, a apresentação de Douglas Estevam para o livro não poderia começar de maneira mais eloquente: Anatoli Lunatchárski foi “um intelectual entre os bolcheviques e um bolchevique entre os intelectuais” (p.7). De fato, apesar de ter sido o comissário do povo para a Educação e a Cultura e um dos entusiastas de primeira hora do Proletkult (cultura proletária) – isto é, o “principal movimento de massas no campo cultural, artístico e educacional desenvolvido na União Soviética” (p.9) –, Lunatchárski é um ilustre desconhecido entre nós, mesmo entre aqueles interessados em cultura.

Dado esse descalabro editorial do ponto de vista de esquerda, em parte explicado pela nossa sociedade pouco letrada e pelo fascínio instantâneo despertado por modas teóricas norte-americanas e europeias de fôlego curto, é necessário recuperar um pouco da magnitude do que foi o Proletkult: este movimento chegou a reunir milhares de artistas de quase todos os cantos da União Soviética, os quais tinham como elo de ligação o comprometimento com a defesa da revolução de outubro, “influenciando tanto as produções dos artistas que se filiavam ao realismo clássico russo quanto às novas correntes de vanguarda” (p.20).

* Doutorando em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na USP. E-mail: lindberg.filho@usp.br

O nosso parco conhecimento sobre os processos revolucionários na América Latina e no restante do mundo cobra um preço muito alto, especialmente se observarmos a superficialidade e o marasmo que tomam conta das nossas discussões sobre as relações entre cultura, política e militância. Isto sem contar as falsificações, as maledicências e a censura pura e simples que rondam os registros das experiências revolucionárias por parte até mesmo de forças ditas de esquerda. Nesse sentido, o ensaio introdutório de Estevam é de grande valor, pois retoma as linhas gerais e mais importantes do contexto formativo de Lunatchárski; sem as quais nenhum dos textos da antologia alcança sentido pleno.

A visão de Lunatchárski de que o bolchevismo não é somente um fenômeno político, mas fundamentalmente um movimento sociocultural (p.22), dá pistas do porquê da sua atenção à agitação, à propaganda e à formação exigente e abrangente dos militantes. Nesse ponto, o dirigente bolchevique antecipa em algumas décadas proposições comumente associadas a Antonio Gramsci ou à revolução cultural maoísta, já que ele parte do pressuposto de que a democracia liberal burguesa não é algo natural ou inevitável, e sim a expressão política de relações capitalistas que foram paulatinamente desenvolvidas em oposição às relações feudais na Europa e a uma variedade de relações sociais de produção que iam desde o comunismo primitivo ao escravismo, no caso do continente americano. Entender o bolchevismo como movimento sociocultural é também compreender a revolução cultural como algo mais geral e que se baseia na criação e na reposição de um novo cotidiano. De modo semelhante ao capitalismo, que como economia-mundo é o resultado de uma revolução que não contou somente com armas, a construção do comunismo, para Lunatchárski, também pede uma frente cultural.

O escopo das disciplinas e das atividades oferecidas nas escolas e nos “círculos de cultura proletária” impulsionados por Lunatchárski e seus companheiros, ainda antes da Revolução de Outubro, podem dar um contorno mais preciso da ambição dos projetos formativos para os construtores dessa nova sociedade, bem como a relação entre educação, cultura e política que ele sempre enfatizou: história do movimento sindical, da internacional, da social-democracia alemã, do movimento operário na França, na Inglaterra e na Alemanha, da literatura russa, da arte, além de visitas a museus, exercícios práticos de agitação e propaganda etc. Para isso, contou com a colaboração de outras figuras como Maksim Gorki, Alexandra Kollontai, Alexander Bogdánov, Rosa Luxemburgo, Karl Kautsky entre outros (p.22-23).

No entanto, foram nos momentos imediatamente anteriores e posteriores à Revolução de 1917 que as concepções das relações entre cultura e política de Lunatchárski ganharam uma real consequência na condução do Comissariado do Povo para a Educação e a Cultura (Narkompros) e do Proletkult:

A linha fundamental defendida por Lunatchárski [...] era de assegurar uma grande diversidade de produções artísticas e culturais, promovendo a participação ampla

de variados setores da classe trabalhadora na formulação de uma cultura proletária e socialista e uma arte de classe. Com isso, seriam criadas condições para o acesso massivo por parte da população aos bens culturais e artísticos, assegurando assim a apropriação da herança cultural construída pela humanidade e evitando que um grupo determinado, uma escola artística ou corrente estética, assumisse o controle e a hegemonia da política cultural. (p.26)

Nos primeiros anos da revolução, inúmeros grupos surgiram e “desempenharam um papel organizador da produção cultural” (p.26-27), tendo sido o Proletkult provavelmente o mais significativo:

por volta de 1920, a organização contava com aproximadamente 400 mil membros e era baseada nos ateliês de criação que se estendiam por diversos campos de produção como literatura, música, artes plásticas, teatro, cinema etc.; em 1919, mais de 80 mil operários faziam parte desses ateliês. (p.28)

Sua estrutura organizativa contava ainda com departamentos de publicação, estúdios e células em fábricas, isto tudo sem mencionar que a guerra civil projetou as atividades do Proletkult de tal maneira que elas chegaram até os *fronts* do Exército Vermelho através de espetáculos de uma série de grupos. Faz-se importante salientar ainda a influência internacional da organização, notadamente na Alemanha, na Itália e nos Estados Unidos. Certamente não é coincidência que a explosão criativa e organizativa da produção cultural soviética tenha atingido seus melhores resultados sob o comunismo de guerra; antes, portanto, do processo de burocratização, ou stalinização, de toda a vida soviética.

Um dos aspectos centrais da política cultural de Lunatchárski foi a visão da criação proletária como um ponto de encontro entre certa originalidade e “a familiarização com todos os frutos da cultura anterior” (p.54). Mais ainda: ele tinha bem clara a distinção entre a cultura proletária e a cultura socialista, pois “o socialismo significa a supressão das classes e, conseqüentemente, também do proletariado [...] a cultura socialista só poderia ser universal” (p.61). Foi tendo estes paradigmas em mente que o dirigente escreveu os dois últimos textos da coletânea que tratam do realismo socialista – tendência artística que foi instituída como “método de base da literatura soviética e da crítica literária” em 1934 já sob o regime de Joseph Stalin (p.46).

A posição de Lunatchárski nesses textos é, em certa medida, justificadamente ambígua, pois está disputando o conceito de realismo socialista e ressaltando, sem pestanejar, as virtudes dessa linha cultural, especialmente em comparação com o reacionarismo do realismo burguês – fortemente niilista, estático e limitado a reproduzir o mundo tal como ele é e a reiterar a impotência humana de transformá-lo (p.261). Por outro lado, ele defende que o realismo socialista seria ativo, “ele não só reconhece o mundo, como se esforça para mudá-lo” e que a arte soviética

“não está satisfeita com a realidade, ela quer mudá-la e sabe que pode mudá-la”. Tal postura é digna de nota porque parece ir de encontro às orientações de pensamento estético único e de celebração da ordem na URSS stalinista e possivelmente explica o porquê de se tratar de um texto publicado apenas postumamente. Como diz Iná Camargo Costa na orelha do livro, aqui “podemos ver o militante (que) apesar de derrotado não abandona o programa revolucionário e segue lutando por ele”.